

A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL COMO SUPORTE À INCLUSÃO DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE HORIZONTE/ CE.

Lidsay Loureiro da Costa, lidsay@ibest.com.br, CACE¹

Lilianne Moreira Dantas, lilladantas@hotmail.com, CACE

RESUMO

Em consonância com o advento da inclusão, a escola precisa estar preparada para receber o crescente número que vem se apresentando de crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro do autismo, por conseguinte compreendemos que esses alunos necessitam de um suporte terapêutico que os auxilie para que esse processo se dê de forma harmoniosa, nessa perspectiva valida-se a relevância da presente pesquisa realizada nos centros de educação infantil e no centro de atendimento clínico e educacional do município de Horizonte/CE. Estudos e resultados nos apontaram para a pertinência dos atendimentos em psicomotricidade relacional como uma ferramenta de considerável importância ao processo de inclusão de crianças com autismo.

Palavras-chave: autismo, inclusão e psicomotricidade relacional.

RESUMEN

En línea con el advenimiento de la inclusión, la escuela debe estar preparada para recibir el número cada vez mayor que ha estado proporcionando a los niños diagnosticados con trastorno del espectro autista, por tanto, entienden que estos estudiantes necesitan un apoyo terapéutico que les ayudará para que el proceso se lleve a cabo de una manera armoniosa, esta perspectiva valida la relevancia de esta encuesta en

¹ O Centro de Atendimento Clínico e Educacional de Horizonte/CE, instituição que atende pessoas com deficiência e dificuldades de aprendizagem regularmente matriculadas nas escolas públicas municipais, mantido pela prefeitura, no qual a autora exerce a função de psicomotricista relacional e a coautora de coordenadora.

los centros de educación de la primera infancia y el centro de servicios clínicos y educativos en el municipio de Horizon / CE . Los estudios y los resultados señalaron la importancia de la atención relacional en psicomotricidad como herramienta de gran importancia para la inclusión de los niños con autismo procesan .

Palabras clave : autismo , inclusión y psicomotricidad relacional.

INTRODUÇÃO

No projeto de cooperação técnica realizado pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS para a construção de orientações curriculares para a educação infantil: “Práticas cotidianas na educação infantil” – Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares, conforme Barbosa (2009), o sentimento de “pertencimento” consiste em uma condição *sine qua non* para o provimento de uma educação de qualidade, na qual, a criança necessita ser valorizada, respeitada, protegida e, acima de tudo, aceita em suas singularidades. Ainda conforme a autora (2009 p.60):

O grande desafio educacional do momento é o de como pensar e realizar uma escola concebida para a universalização – isto é, para socializar e ensinar a todos – que possa cumprir também a meta contemporânea de educar enfatizando os processos de individuação e singularização.

Pertencimento, respeito, individuação e singularização são pressupostos básicos para que possamos trabalhar com o ser humano, condições mínimas para prover uma educação inclusiva, não só do aluno com deficiência, mas do grupo em geral. Sentir-se incluído corrobora com o sentimento de proteção, de sensação de que há um investimento afetivo nessa relação, sem o qual, o processo de ensino e aprendizagem tende a tornar-se insatisfatório.

Quando falamos em educação infantil, essa máxima torna-se ainda mais significativa por ser o momento no qual a criança deixa seu lar, lugar de proteção, para “lançar-se” numa construção de aprendizagens em um mundo de diversidades, local onde de fato começa seu processo de socialização, através de um convívio social repleto de novos conteúdos, significantes e significados, iniciando uma nova etapa em seu desenvolvimento. Aprender a ser, a agir, a fazer, vinculando-se com seus pares, se comunicando, interagindo. No entanto, quando esses processos de interação e comunicação não acontecem de forma harmoniosa, o desenvolvimento dessas capacidades podem ocorrer de maneira insatisfatória, ou sequer se fazerem presentes, principalmente quando existe uma condição de funcionamento capaz de contribuir negativamente para a aquisição de tais competências, como no caso de crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro do autismo (TEA). Silva (2012, p.04) afirma que:

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda a vida. [...] Caracteriza-se por um conjunto de sintomas que afeta as áreas de socialização, comunicação e comportamento, e, dentre elas, a mais comprometida é a interação social.

Por ser uma condição presente desde o início da vida, as Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo (BRASIL, 2013), nos elucidam quanto à necessidade de intervenções precoces para que esses indivíduos tenham um desenvolvimento mais adequado, fato que é ressaltado por Silva (2012, p.17), quando nos afirma que “quanto mais cedo se inicia o tratamento, mais resultados positivos se têm [...]”. Levando em consideração que o diagnóstico de TEA acontece geralmente após os três anos de idade, essa precocidade de estímulos tende a coincidir



com a inserção da criança em ambiente escolar, trazendo à tona a importância de uma educação infantil de base inclusiva, onde haja respeito às diferenças individuais.

Compreendemos que uma inclusão de qualidade e com responsabilidade é dever da escola, em contrapartida, entendemos que essas crianças necessitam de um suporte terapêutico que as auxilie, para que esse processo aconteça de maneira harmoniosa, o que nos remete à pertinência de uma abordagem que tenha como foco central o relacionamento humano e que seja capaz de acompanhar esse momento ímpar do seu desenvolvimento. Sousa (2004) estabelece um paralelo entre o desenvolvimento infantil e a qualidade das relações existentes em tal etapa de vida, afirmando sua interdependência. Crianças com TEA apresentam um déficit relacional, geralmente, necessitam aprender a conviver em grupos, modular seu comportamento e encontrar o prazer nas diversas possibilidades de interação; dentro dessa perspectiva, encontramos a práxis da psicomotricidade relacional. Cabral (2001, p.20) nos coloca que:

O objetivo da Terapia Psicomotora Relacional é modificar as estratégias relacionais do indivíduo e levá-lo a desenvolver o mais plenamente possível sua capacidade de ação inteligente e criadora, seja seu potencial íntegro ou esteja ele afetado por deficiências de qualquer origem.

Essas mudanças de estratégias relacionais surgem porque tal abordagem terapêutica, segundo com Lapierre (2002, p.90), oportunizam à criança um sentimento de ser “aceita como é, e não como ‘deveria’ ser”, independente de sua condição e/ou limitação física ou psíquica.

Uma prática que utiliza-se da mediação corporal para fornecer à criança um tempo e um espaço no qual ela possa mostrar-se em sua inteireza, através da espontaneidade do brincar, buscando facilitar o processo de desenvolvimento global do indivíduo, com ênfase na afetividade, por conseguinte, na interação social, a base da



tríade de comprometimento do transtorno do espectro do autismo, como nos coloca, Silva (2012).

Retomemos então à nossa questão inicial: valorização e respeito às singularidades, inclusão. O ato de incluir não consiste em negar a condição/deficiência apresentada pela criança, mas sim, prover mecanismos de apoio para que a mesma possa desenvolver-se adequadamente.

A psicomotricidade relacional utilizada como suporte ao processo de inclusão de crianças diagnosticadas com TEA no Município de Horizonte, CE, tem se consolidado como um mecanismo de apoio de real importância, contando atualmente com um número significativo de crianças que passou a evoluir de maneira satisfatória após a utilização de tal abordagem terapêutica realizada no Centro de Atendimento Clínico e Educacional Maria de Nazaré Domingos – CACE, uma ferramenta da iniciativa pública municipal que, em consonância com as políticas públicas vigentes, oportuniza às crianças e adolescentes com deficiência e/ou limitações que por ventura venham a comprometer seu pleno desenvolvimento, atendimentos especializados nas áreas tanto clínicas quanto educacionais, assim como formações, estudos e pesquisas acerca das diversas práticas que contribuem positivamente com o desenvolvimento e a inclusão de nossos alunos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com um grupo de 24 (vinte e quatro) crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro do autismo incluídas nos centros de educação infantil da rede municipal de Horizonte/ CE, entre os anos de 2011 a 2014.

As crianças, público-alvo dessa pesquisa, tinham que obedecer aos seguintes critérios de seleção: estar regularmente matriculadas nos centros de educação infantil do município de Horizonte/CE, possuir diagnóstico clínico de transtorno do espectro do autismo além participarem de forma efetiva nos atendimentos especializados em psicomotricidade relacional, ofertados no contraturno escolar de uma, os quais eram realizados semanalmente e com duração de quarenta e cinco minutos, prioritariamente em grupos, salvo a casos específicos, onde o nível de comprometimento da criança requeria atenção individualizada, mas objetivando sua efetiva inclusão em grupos terapêuticos.

A presente pesquisa foi realizada no período de três anos, nesse íterim foram feitas visitas aos centros de educação infantil, onde momentos de escuta tanto dos docentes quanto do núcleo gestor sobre a condição em que a criança se encontrava foram realizados pelas pesquisadoras. Em relação à família, foram ofertados encontros sistemáticos de escuta, buscando uma compreensão mais adequada do estágio de desenvolvimento de cada criança.

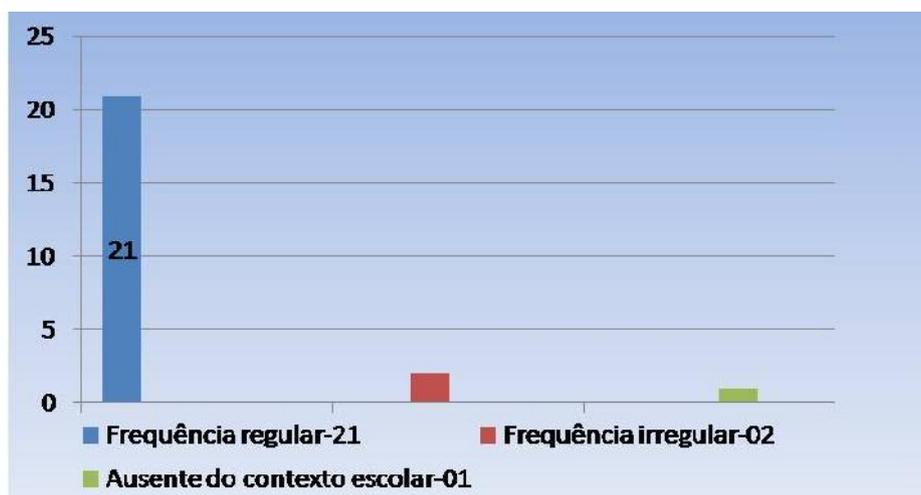
A culminância dessa pesquisa deu-se por um período de observações *in loco*, para que pudesse ser mensurada as condições de inclusão desses alunos, nesse momento foram encontrados achados pertinentes sobre as contribuições da práxis da psicomotricidade relacional, principalmente em relação à interação social, por conseguinte, as crianças também apresentaram evolução significativa na comunicação, no comportamento e na aprendizagem

ANÁLISE DOS RESULTADOS



Entre as vinte e quatro crianças observadas, todas obedecendo às condições necessárias para se fazerem público-alvo dessa pesquisa, encontramos as seguintes condições de inclusão, apresentadas no gráfico abaixo:

Gráfico 1: Alunos matriculados com TEA nos CEI's de Horizonte/CE



FONTE: Pesquisa realizada pelas pesquisadoras Lidsay Loureiro e Lilianne Dantas nos centros de educação infantil do município de Horizonte/CE entre os anos de 2011 a 2014.

Foi constatado que das vinte e quatro crianças pesquisadas, vinte e uma frequentavam as salas de aula regularmente, duas tinham frequência irregular e uma encontrava-se ausente do ambiente escolar. Analisando tal demanda, foi percebido que as crianças que frequentavam os atendimentos especializados de maneira satisfatória e há pelo menos dois anos encontravam-se em melhores condições de desenvolvimento, principalmente aquelas que tinham iniciado o processo paralelo a sua inclusão na instituição de ensino. Nesse contexto, se faz necessário destacar que as três crianças que não apresentaram frequência regular estavam em atendimento especializado há menos de um ano.

De acordo com Lapierre (2002) os atendimentos em psicomotricidade relacional tendem a possibilitar um desenvolvimento mais harmonioso da criança, independente de sua condição e/ou limitação.

CONCLUSÃO

Vivemos um importante momento de inclusão social, o que se reflete nas instituições de ensino, em consonância com um número cada vez maior de crianças diagnosticadas, precocemente, com o transtorno do espectro do autismo.

Pesquisas nos apresentam números significativos dessa crescente demanda, numa estimativa de 70 milhões de pessoas no mundo segundo Sousa (2012), pesquisas ainda mais recentes falam de um número ainda maior; a questão é que essas crianças estão chegando cada vez mais cedo em ambiente escolar e merecem ser acolhidas, valorizadas e respeitadas com suas singularidades, possibilitando sua real inclusão.

Para que o direito da criança de ser incluída seja respeitado, se faz necessário todo um suporte de apoio especializado. O transtorno do espectro do autismo é um tema novo e controverso, a cada momento são lançadas novas pesquisas e literaturas, além de diferentes metodologias de intervenção, sempre com a finalidade de prover melhores condições de desenvolvimento desses indivíduos.

A pertinência do presente artigo está em colaborar com o processo de inclusão de crianças autistas, demonstrando a eficácia da atuação da psicomotricidade relacional auxiliando tal demanda. Em uma amostragem de vinte e quatro crianças, encontramos níveis bastante interessantes de inclusão, algumas crianças que, segundo suas professoras, sequer apresentavam características visíveis do transtorno, outras que



estavam em um processo satisfatório de desenvolvimento, principalmente em relação ao comportamento e a interação social.

Em um transtorno específico onde existe uma tríade de comprometimento nas áreas de comportamento, interação social e comunicação e, de outro lado, uma abordagem terapêutica centrada no relacionamento interpessoal que busca auxiliar o desenvolvimento global da criança, nada mais adequado do que realizar pesquisas acerca desta importante ferramenta de intervenção.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira (org). **Práticas cotidianas da infantil: Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso em: 06/11/2014.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CABRAL, Suzana Veloso. **Psicomotricidade Relacional: Prática Clínica e Escolar**. Rio de Janeiro: REVINTER, 2001.

LAPIERRE, André. **Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação**. Curitiba: Ed.UFPR, 2002.

LAPIERRE, André. **O adulto diante da criança de 0 a 3 anos: Psicomotricidade relacional e formação da personalidade.** Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo singular: Entenda o Autismo.** Rio de Janeiro: FONTANAR, 2012.

SILVA, Francisco Paiva Junior. **Autismo: Não Espere, Aja Logo! Depoimentos de um pai sobre os sinais de autismo.** São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2012.

SOUSA, Dayse Campos de. **Psicomotricidade: Integração Pais, Criança e Escola.** Fortaleza: Editora Livro Técnico, 2004.